

# Novo projeto da 508 Sul encosta Laís na parede

Os artistas querem os dólares dos japoneses mas querem também saber onde anda o projeto de Antônio Eustáquio

Angélica Torres Lima

A reunião marcada para o dia 18 entre os japoneses do grupo MOA e a secretária Laís Aderne para decisão da compra do projeto de revitalização do espaço cultural da 508 ganhou clima de final de campanha entre a Secretaria de Cultura e a comissão comunitária dos artistas. Em encontro realizado anteontem em seu gabinete, depois de muito bate-boca, exasperações, indignações mútuas, as duas equipes ouviram a consideração final e o veredito da secretária: "A classe cultural que a gente pensava que tinha gostado do projeto não gostou. Que se organize então uma equipe técnica com representantes de todas as áreas além de arquitetos e que o projeto rediscutido esteja pronto até o dia 17 à noite".

Os representantes culturais foram questionar a qualidade, a seriedade e a pertinência (para com os interesses da classe artística) do projeto da planta do espaço, desenvolvido por arquitetos do Departamento de Patrimônio Histórico do DF. A polêmica foi levantada em função da existência, há três anos, de outro projeto arquitetônico feito (e pago pelo governo) pelo arquiteto Antônio Eustáquio durante a gestão de Reynaldo Jardim na Fundação Cultural.

**Furos** — Os artistas estão indignados não apenas pelos furos técnicos detectados no novo projeto — questões de acústica, ventilação, uso inadequado do espaço, como no caso do salão de dan-

ça em que há três colunas atravancando a área — mas principalmente pela destinação do espaço que em princípio é uma escola de artes e que o projeto beneficia prioritariamente o espetáculo. As oficinas de criatividade foram relegadas a segundo plano e mal distribuídas na planta refeita.

Néio Lúcio, do Cabeças; Eduardo Cabral e Evandro Salles, das artes plásticas; Regina Maura, da dança; Romário Schettino e Plínio Mósca, das artes cênicas; Juan Pratignestos, da fotografia; José Luis Soter, da literatura; Antônio Clementin, da produção cultural, e o arquiteto Antônio Eustáquio chegaram ensaiando um discurso conceitual em cima do futuro uso do espaço, levando em conta o projeto de Eustáquio, mas ouviram da secretária a explicação de que ela desconhecia o antigo projeto e que só soube da insatisfação da classe pelos jornais.

Aderne justificou que deu andamento ao trabalho com sua própria equipe só depois de procurar à exaustão "os projetos da 508", chegando a ter de arrombar armários, em vão. O que Sílvio Cavalcante desenvolveu, com apoio de um grupo da UnB, segundo ela, foi colocado em discussão no seminário de cultura e passou dois dias exposto à comunidade para só então ser levado à imprensa. "Estatelada" com a reação da comissão só depois que o assunto chegava à reta final, a secretária convidou Eustáquio a participar das últimas discussões com a equipe de Cavalcante, mas alertou: recomeçar o projeto, jamais, pois está vendido aos japoneses por 200 mil dólares — ou talvez até pelo valor global, um milhão 500 mil dólares — tal como está.

**Calças curtas** — Evandro Salles ainda tocou num ponto nevrálgico que os comandos dos ór-

## O MAPA DA POLÊMICA



### FUROS TÉCNICOS?

O projeto do Patrimônio Histórico que os artistas não engoliram

gãos de governo costumam se esquecer (leia boxe): a secretária, segundo detectou, ao invés de iniciar com uma discussão conceitual junto à comunidade, só abriu o debate quando o projeto estava definido. Mas foi questionado até mesmo a adequação de uma discussão complexa como a da recuperação do histórico espaço da 508 num seminário com assuntos definidos em que este não constava na pauta. Mesmo os que participaram dos três dias do encontro, como Eduardo Cabral, não atinaram que Aderne não estava brincando de cultivar o resgate da 508. A conquista inusitada da verba e a rapidez com que tocou o projeto para fechar sua gestão, pegou os artistas de calças curtas.

Néio Lúcio, conciliador durante toda a reunião, ficou de arregimentar o grupo que deverá trabalhar *full time* para salvar o projeto antes da hora H.



Laís Aderne  
Ponto na marra no final?!

tagem, o arquiteto Sílvio Cavalcante (que assina o projeto em discussão) depôs nos seguintes termos: "É muito interessante e muito bem resolvido (o projeto de Eustáquio). É o que atenderia aos interesses da comunidade. Existe talvez a necessidade de alguns pequenos ajustes no sentido de se preservar a fachada externa em uma perspectiva de tombamento" (cogitada pelo Departamento de Patrimônio Histórico).

A matéria, assinada pelo repórter Severino Francisco, permite que se vislumbre mais outro dado estranho: há semelhança entre os dois projetos apresentados.

**Fora de prumo** — Ter que reconhecer, sempre, que o poder tira a cabeça das pessoas do prumo tem sido deveras cansativo. A secretária, que conviveu horizontalmente com a classe cultural da cidade — e por isso mesmo colheu loros, endossados pela mesma, em sua carreira — se esquece no fim de s'a gestão que a comunidade já não aguenta mais as maracutaia, a f a l t do diálogo, ou melhor, a prática de não ser a convidada "de honra" o início das discussões de assuntos que lhe são pertinentes.

E a professora parece não ter demorado muito para aprender o gasto inscurso que chateia até quem não quer se envolver com a paróquia: encerrou sua exposição com a frase: "Estamos à disposição para o diálogo, mas não houve erro de nossa parte". É até compreensível e louvável sua posutra firme de não voltar mais atrás no projeto ao ponto em que chegou. Triste e ver que ela sai repetindo atitudes pra lá de repelidas pela classe artística, a mesma que também tem profundas ligações com a única Unidade de Vizinhança (a 508) que restou do projeto original de Brasília. Marcar um ponto na marra em final de gestão não perpetua o nome do herói. Ela já de"ia saber.

## A maracutaia do esquecimento

Laís Aderne fechou o primeiro parágrafo de sua exposição (de improviso) sobre o histórico do projeto elaborado por sua equipe para o Conjunto Cultural da 508 assim: "Comecei a 508. Ninguém mais do que eu começou a 508. Tenho profunda ligação com ela". Estranho, apesar de sua profunda ligação e preocupação para com aquele espaço, é ouvir a secretária dizer que não conhecia o arquiteto Antônio Eustáquio. Como não, se em 3 de junho do ano passado, a discussão sobre a revitalização do conjunto foi reaberta em reportagem publicada no **CORREIO BRAZILIENSE** onde o entrevistado era o próprio Eustáquio e o sujeito principal seu malfa-